

Nota editorial

*Hora de balanço*¹

Jorge Olímpio Bento

1. Este acto marca formalmente o termo de um ciclo da vida da Faculdade. Olhamos para trás e sentimos nostalgia e saudade. E porquê? Porque foi um período bom, de exemplar empenhamento, de incedível brio, de intensa dedicação e entrega, de transbordante paixão e, exactamente por isso, de extraordinário desenvolvimento.

Significa isto que encaramos o futuro com reservas? A resposta manda sopesar o presente, porque só há presentes. E intima-nos a dizer que estamos a viver um tempo de retrocesso civilizacional, de encolhimento espiritual e moral, de atropelo dos valores e ideais humanistas, de abandono da coesão social, de regressão do pensamento e da razão, de progressão do senso comum. Um tempo em que as pessoas de carácter, de rectidão e princípios têm a vida mais dificultada do que os espertos, oportunistas, trapaceiros e vigaristas.

Friedrich Nietzsche dizia da sua era, 1844-1900, o seguinte: *“A nossa época, embora fale tanto de economia, é esbanjadora: esbanja o que é mais precioso, o espírito”*.

O que dizer desta nossa época dessacralizada, do angustiante contexto de desesperança e devastação do espírito? Tudo é baba sem consistência; a falta de transcendência ética e estética turva as mentes e adensa o caos.

“Há um efectivo apagão intelectual em Portugal. Ou será que o país deixou de ter gente capaz de pensar para além da espuma da conjuntura?” – afirma e pergunta Leonel Moura.² A isto responde João Pereira Coutinho com esta deprimente, mas justa acusação: *“Tempos houve em que os intelectuais eram verdadeiros contra-poderes. Hoje (...), os intelectuais servem apenas para enfeitar os poderes”*.³

Estas e outras citações de teor afim são trazidas diariamente à colação, na tentativa de nos acordarem de

uma letargia excessivamente prolongada. De muitos lados surge um apelo, convidando a reagir *“às últimas décadas de cultura anti-intelectual, onde a obsessão do fazer, da velocidade e da eficiência foi exibida no espaço público como antítese positiva da reflexão, do pensamento, das ideias. Uma assunção primária que dá que pensar, precisamente, pelo mundo que estamos a gerar. Talvez seja, então, chegada a hora de meditar antes de fazer. De não nos instalarmos. De pensar, caminhando”*.⁴

Ou seja, este tempo e as circunstâncias, que o perfazem a ele e a nós, lembram-nos que a Universidade é o lugar, por excelência, da palavra, do dever de romper o silêncio e de tomar posições. É o lugar onde devemos apreciar a diferença e diversidade e sentir horror ao *“gorduroso odor do estábulo”*, tal como proclamava Nietzsche. E onde devemos agir segundo a definição de Jean Jacques Rousseau, 1712-1778: *De todos os animais, o homem é aquele a quem mais custa viver em rebanho*.

Sim, na acrópole da Universidade é mister que discurssem homens livres, desalinados e fugitivos, a sete pés, da irracionalidade e uniformidade da manada. Não por teimosia ou exibição, mas por inquietude e obrigação. É nela que o local, particular e singular incorporam o universal, abrangente e geral.

A observância deste mandamento começa por um olhar para dentro dela. Esse olhar apurado desperta a consciência para a necessidade de reflectir e inquirir leis, orientações, normas e regulamentos que afunilam e pervertem a missão da Universidade, assim como atentam contra os direitos e a dignidade dos que nela laboram.

Há que parar e questionar o *frenesi reformista* que por aí campeia como um culto fundamentalista. É altura de perguntar pelo que se está a ganhar e a perder.

Ganhos vislumbram-se poucos; danos são muitos, substanciais e colaterais. Estão em perda, sobretudo, a credibilidade e a elevação moral.

Não haverá nisto pessimismo e criticismo a mais?

Há, antes, recusa em alinhar com um optimismo que, como advertiu Voltaire (1694-1778), assenta na mania de sustentar que tudo está bem, quando está mal, que tudo está a ser feito para um fim melhor, quando está a servir intuítos inconfessos.

Mas... são de rejeitar as reformas? No mínimo não se pode pactuar com a deturpação do verbo 'reforma'. Reformar não é destruir. Ao invés, é reavivar, melhorar, reforçar, aumentar e transmitir a herança recebida: o apego a princípios e valores, ao saber, à racionalidade e reflexão, ao debate e uso do pensamento, ao cultivo da liberdade, da justiça, decência e ética, ao avanço do bem comum, da solidariedade e do direito a uma vida digna em todas as idades, à avaliação e reconhecimento do mérito, à rejeição do fácil e falso, das ideias feitas, da manipulação e alienação, do populismo e demagogia.

A ênfase renovadora deve cuidar desta herança, de a aprimorar e não de a debilitar e sepultar. A Universidade tem uma longa história de farol da liberdade, ocupada e incumbida de clarear caminhos; não será agora que vai capitular e tornar-se cúmplice da escuridão e da passividade.

Para tanto é desejável que, nesta hora e antes de tudo, a Universidade não abdique de ser *res publica*, tenha autonomia e voz, reflecta acerca do que já é e do mais que quer ser, das 'coisas' intangíveis e da medida dos valores humanos e universais em que se revê. Que, em primeiro lugar, fale dos fins, da vocação e incumbência que lhe toca cumprir. Que não seja omissa na questão da qualidade dos quadros que lhe cumpre formar.

Deve elevar-se o estudante à altura do saber e da inteligência, da ética e da estética? Ou deve o ensino descer ao nível da ignorância e estupidez, da boçalidade e incivilidade, da rasura e indigência cultural? As Universidades estão obrigadas a formar pessoas cultas, que se meçam e sobreponham ao seu tempo. A formar quadros realmente superiores: *Ilustrados e iluminados* para exceder a vulgaridade e a banalidade, hermeneutas capazes de entender a sua área e de a situar no plano da vida e no contexto sócio-cultural,

à altura do seu tempo, disponíveis para viver a sua inteligência e para viver a partir da faculdade maravilhosa que é a de perceber a própria limitação.

2. *A gente só enxerga o que está preparada para ver* – diz e bem Bernardo Carvalho, escritor brasileiro. E Alvin Toffler adverte que é curial pensar nas coisas grandes, quando fazemos as pequenas.

Ora é duvidoso que o paradigma concebido por Bolonha prepare para ver para além do óbvio. É legítima a suspeita de que não ajuda a enxergar o mundo dominado pela obsessão da instantaneidade, pelo espectáculo do instantâneo. Está apostado em somar aprendizagens e conhecimentos, mas parece fazê-lo subtraindo a consciência.

Por este caminho, a formação desfigura-se em instrução, pior ainda, em má instrução. A *formação*, no conceito clássico, subentende a capacidade ou competência para diferenciar, distinguir, qualificar as coisas e os factos. A *instrução* anestesia e mostra tudo igual, como um alcoólico a quem todas as bebidas sabem ao mesmo, conquanto tenham álcool. Nesta conformidade a massa bolonhesa torna os indivíduos gordos e obesos de conhecimentos, mas não repara que eles podem ficar magros e até esqueléticos em termos de ética, sabedoria, lucidez e humanidade. A instrução em vigor, digamo-lo sem rodeios, inspira-se nos modelos de sucesso político, mediático e financeiro em alta, gera *anorexia ética e moral*, unilateralidade no pensamento e acção. Contribui para engrossar o caudal de uma *conjuntura*, rotulada por Hans Küng, *da moral perdida ou desmoralização ou desorganização moral*. E corre o risco de resvalar para a produção de um novo e inquietante tipo de sujeitos: instruídos, mas dependentes e timoratos, receosos, assustados, manipuláveis. Deste jeito o tipo de instrução oficialmente consagrado

- Degrada a pessoa para capital humano,
- Favorece a obediência cega,
- Garante um certo entontecimento no interesse da funcionalidade.

É, pois, imperioso advogar uma '*formação*' de sinal contrário. Que celebre matrimónio ou união de reciprocidade e reciprocidade com a *cidadania e liberdade*. Uma formação que não favoreça a indigência espiritual, que estimule o progresso intelectual e moral, que capacite a pessoa a

- Ver o mundo com outros olhos,
- Tomar decisões fundamentadas,
- Agir com responsabilidade,
- Questionar o sentido das coisas e dos factos,
- Fomentar a empatia, solidariedade e preocupação com os outros,
- Assumir a coragem para dizer **NÃO**,
- Estabelecer uma ordem consigo e com o mundo.

3. É próprio da natureza das coisas que elas sejam diferentes umas das outras. No entanto para todas elas está a ser hoje recomendado o mesmo figurino. E assim surgem receitas para configurar a Universidade segundo os ditames de uma visão empresarial e *gestão industrial*, com alcance curto e distorcido. É patente a tentação de absolutizar nela o *paradigma produtivista*, de a querer proletarizar, de proletarizar e despir de estatuto intelectual os seus docentes. Se não tomarmos o devido cuidado, o *SIA-DAP – Sistema Integrado de Gestão e Avaliação do Desempenho na Administração Pública* que, com o seu inominável regime de cotas, trata os funcionários como objectos sem alma e sentimentos, sofrerá uma ligeira metamorfose para avaliar os docentes com uma parafernália de instrumentos que modificarão o cerne, a essência e o alvo do seu exercício profissional. Os enormes desperdícios de tempo e o concomitante desvio de energias para atender os requisitos da avaliação, vão irremediável e radicalmente alterar as funções e metas fulcrais dos professores. Até agora vigorava um sistema de avaliação que, não sendo perfeito, se centrava no essencial da actividade e profissionalidade dos docentes, no *ethos* da sua autonomia e liberdade científicas e criadoras. Doravante espreita o perigo do periférico e do secundário passarem a central, com sequelas funestas para as dimensões intelectual, cultural, espiritual e humanista da docência universitária. Face a este quadro impõe-se avivar no conjunto dos deveres o de dizer NÃO à adesão acrítica, demissionária, passiva e silenciosa a tudo quanto atente contra a dignidade das pessoas e o clima sadio das instituições, a tudo quanto promova a queda no absurdo. O percurso dos docentes universitários está sobejamente balizado por avaliações. Pode ser melhorado, mas não precisa da introdução de obstáculos destinados a desviá-los do seu itinerário lógico e principal

e a enredá-los em empecilhos desvirtuadores da sua condição. A não ser que se assuma explicitamente que o docente universitário deve ser pura e simplesmente equiparado ao operário ou proletário de uma linha de montagem, tendo que registar continuamente o número dos parafusos e artefactos produzidos. E que se defenda uma competição sem limites que roube o lugar à sedução pela beleza no relacionamento e trato humanos.

Ademais uma avaliação geradora de conflitualidade, animosidade, desconfiança e falta de lealdade não cria um bom ambiente. Logo atenta contra a dita e almejada produtividade, até porque há nela factores de sobra potenciadores de uma pluralidade de consequências graves em vários campos, a saber:

- A saúde física e mental dos implicados,
- O relacionamento e trato humanos,
- O modo de nos vermos e contemplarmos os outros,
- O funcionamento das instituições,
- O significado e sentido da existência,
- Os princípios e valores estruturantes da cultura, da sociedade e da pessoa,
- A participação da Universidade na destruição do Humanismo e na instauração de um modo de vida assente no cinismo, na insanidade e no devário infernal.

Não é de bom senso aderir a coisas que detestamos e reprovamos. Se elas nos suscitam depreciação é porque não são boas. O inferno, tanto quanto o concebemos, não é coisa boa; por isso mesmo não queremos ir para lá, tudo fazemos para evitar a queda nesse abismo.

4. Contudo hoje é um dia alegre, soalheiro, de avaliação justa. E portanto perfeito. Podemos citar com propriedade o Pe. António Vieira: “...descobrimos hoje mais, porque olhamos de mais alto; e distinguimos melhor, porque vemos mais de perto... A candeia está acesa e muito clara...” O número de docentes, funcionários e estudantes que nesta ocasião enaltecemos e louvamos vale como amostra de um grupo maior, igualmente merecedor de encómio. Nesta casa o desempenho elevado constitui a regra e não a excepção. Por isso, no destaque concedido aos louvados inscrevemos o apreço pela generalidade dos que fazem a instituição. Tomamos como bitola o aviso de Samuel Johnson,

1709-1784: “A gratidão é um fruto de grande cultura; não se encontra entre gente vulgar”.

Isto contrasta com a conjuntura, que é estranha. É como se a mortalidade flutuasse no ar e vivêssemos um intervalo, num lugar que não mais nos reconhece. Como se a sabedoria, a decência e lucidez saíssem pela janela, à medida que a crise nos aperta. Todavia no fundo do nosso íntimo vive a convicção de que o homem volta sempre às suas necessidades de beleza, verdade e discernimento. Mais, cremos que no ensino e aprendizagem da vida só perdura aquilo que obedece a três critérios: esplendor ético e estético, força intelectual, sapiência.

Mantenhamos vivas as convicções ganhas num trajecto esforçado, suado e limpo. E continuemos a iluminar as noites e dias da dúvida com este clarão de Mário Quintana: “A vida são deveres que nós trouxemos para fazer em casa”. Para os guardar e cumprir. Sei que eles caíram em desuso. Porém é mister que sigamos o rumo traçado, para não cairmos na farsa e mentira, para não parecermos, como disse Carlos Drummond de Andrade, “cortados ao meio”. Para passarmos de cara erguida, leves e orgulhosos, por entre a multidão desfigurada.

Não tenhamos medo senão da pequenez, “medo de ficar aquém do estalão por onde, desde que o mundo é mundo, se mede à hora da morte o tamanho de uma criatura”.⁵

Não deixemos que o silêncio dos melhores seja cúmplice do alarido e desvergonha dos piores! Não percamos a alma, nem a hipotequemos a nenhum poder, seja ele religioso ou profano. Não permitamos que nos roubem o direito de sonhar e de viver melhor! Não deixemos que venha o pesadelo a toldar a nossa visão e que da terra se levante uma cruz com este epitáfio: “Aqui jaz a ilusão de uma vida decente”.

Não se esqueçam de que só progredimos, se crescermos por dentro, se nos carregarmos de convicções, de princípios e deveres, se tirarmos o máximo possível das coisas mínimas em que realizamos a profissão e esgotamos a vida; se nos construirmos como uma grandeza balizada por matéria e espírito, pela matéria das nossas realizações conjuntas, pelo espírito dos ideais que nos animam e congregam. O estímulo tem que nos vir da grandeza que queremos alcançar, da obra que queremos edificar, do legado que ansiamos deixar. Porque a criatura é a imagem e a medida da dimensão do criador, sejamos uma incommensurável disponibilidade!

NOTAS

¹ Este editorial reproduz a intervenção feita na sessão comemorativa do Dia da Faculdade de Desporto, realizada em 10 de Março de 2010.

² *Jornal de Negócios*, Lisboa, 18.09.2009.

³ *Correio da Manhã*, Lisboa, 25 de Julho de 2009.

⁴ Vítor Belanciano, *Crónica Mista*, *Jornal Público* 2, p. 3, 17.02.2010.

⁵ Torga, Miguel (2002): *Ensaio e Discursos*. Círculo de Leitores, Lisboa.